

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Liane Garcês

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA SALA BILÍNGUE DE
EDUCAÇÃO INFANTIL.**

São Carlos

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Liane Garcês

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA SALA BILÍNGUE DE
EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura
em Educação Especial apresentado à Universidade
Federal de São Carlos.

São Carlos
2015

Dedico este trabalho aos meus pais que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui e por todo o incentivo que me deram para estudar e não desistir dos meus objetivos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha professora orientadora, Dra. Cristina Broglia Feitosa Lacerda, por todo conhecimento passado, pelo exemplo, pela paciência e incentivo que me fizeram crescer muito como pessoa e profissional.

As professoras da sala bilíngue, Ana Paula Zerbato e Glaucia Ferreira, que tornaram possível o desenvolvimento desta pesquisa.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho e para a minha formação.

RESUMO

A Educação Infantil é muito importante para o desenvolvimento do sujeito e é direito de todos. Partindo do interesse da autora pela educação dos surdos e de um estágio realizado em uma sala de Educação Infantil Bilíngue, o presente estudo tem como objetivo caracterizar e descrever a realidade de uma sala bilíngue multisseriada de Educação Infantil, que tem a Libras como língua de instrução e discutir as práticas pedagógicas observadas. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e tem como pressuposto teórico a abordagem histórico cultural de Vygotsky. Os dados analisados são observações realizadas no decorrer do estágio curricular no primeiro semestre de 2014, em uma sala de Educação Infantil bilíngue. O procedimento de registro utilizado consistiu de diários de campo e relatório feito pela autora. A presente pesquisa teve como participantes: duas professoras que ministraram as aulas na sala bilíngue no período observado; três alunos surdos que frequentavam a sala. Os resultados apontam ênfase no uso de recursos visuais e o uso da Libras como aspectos fundamentais para a melhor aprendizagem e desenvolvimento dos alunos surdos. Espera-se com este estudo difundir conhecimentos sobre uma possibilidade de metodologia de ensino diferenciada para crianças surdas e que assim possa colaborar na busca de caminhos para uma melhor educação dos surdos.

PALAVRAS CHAVES: Educação Infantil; Educação Bilíngue; Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

1. Introdução	7
Objetivos.....	9
2. Pressupostos teóricos.....	9
Educação Bilíngue	9
Interface da Educação Bilíngue e Educação Infantil	11
Libras e práticas pedagógicas da Educação Infantil.....	16
O programa em foco	16
3. Método.....	17
3.1 Participantes.....	18
3.2 Local	19
3.4 Materiais e instrumentos.....	20
4. Resultados	20
Uso da Libras na sala de aula	21
Ênfase em aspectos visuais	21
4.1 Rotinas	22
4.2 Trabalho com narrativas.....	28
4.3 Outras atividades pedagógicas.....	32
5. Considerações finais	37
6. Referências	39

1. Introdução

A Educação Infantil tem como objetivo, de acordo com Zwang e Nicoloso (2007, p.22), “auxiliar o desenvolvimento da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”, por isso é de fundamental importância na vida das crianças.

De acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) é direito de todos ter acesso a uma educação de qualidade pública e gratuita, assim como estabelecido na Constituição Federal de 1988 (CF/1988), é dever do estado e municípios garantir a oferta da Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, com profissionais qualificados e que visem a formação integral do indivíduo.

Diante disto, torna-se necessário que se atenda o público de 0 a 6 anos, de acordo com as demandas que este apresenta, sendo muito importante que a Educação Infantil atenda o conjunto dessa população, assumindo uma perspectiva inclusiva e que saiba lidar/atender com as diversidades que são encontradas neste espaço.

Ferreira e Ferreira (2004 p. 44) ressaltam que em relação à educação das pessoas com deficiências, a educação consiste de “uma mediação fundamental para a constituição da vida dessas pessoas, um espaço do exercício de direitos e de interações significativas”.

Diante disso, quando se encontra neste ambiente alunos surdos, evidenciam-se algumas características próprias deste alunado. De acordo com Moura (2013) diferente dos alunos ouvintes que convivem diariamente com falantes de sua língua, estes vão ter na escola, frequentemente, o primeiro contato com a língua de sinais, uma vez que em sua grande maioria são filhos de pais ouvintes e, conseqüentemente, vivem expostos a uma língua a qual não têm acesso, que é a oral. Esta situação leva a um atraso na aquisição da linguagem podendo prejudicar o seu desenvolvimento como um todo. Assim, é fundamental que se busquem formas de garantir o acesso a língua de sinais o quanto antes para os alunos surdos, sendo esta a meta das proposições de educação bilíngue para esta população. Para tal, é importante que o aluno conviva com seus pares surdos e com adultos surdos de modo a permitir que a criança aprenda a língua de sinais e se identifique como sujeito surdo – perpassada por uma língua acessível a ela.

Assim, a escola tem o dever de saber de sua importância nesse processo de aprendizagem juntamente com as famílias. A família, muitas vezes, não tem conhecimento sobre a língua do filho surdo, gerando um conhecimento de mundo restrito por parte destes sendo papel da escola “proporcionar ao aluno, principalmente de zero a quatro anos, o maior

número de experiências com jogos, brinquedos, passeios, dramatizações, sempre respaldadas pela Libras” (DORZIAT, 2005 apud SENA E GOLDFELD, 2006, p. 252).

Uma vez que a linguagem é fundamental para o processo de aprendizagem de todas as crianças, no que se refere às crianças surdas de acordo com Lacerda (2006, p. 50) a língua de sinais “é a única capaz de permitir a entrada dos sujeitos na linguagem e de constituí-los como sujeitos linguísticos; portanto, ela deve ser desenvolvida o mais cedo possível e de maneira natural”. Por isso, é importante que os alunos tenham a oportunidade de frequentar uma sala bilíngue desde a educação infantil, com instrução em Libras, interagindo com seus pares surdos, para que tenham os mesmos direitos e possibilidades de aprender como todas as crianças.

Partindo deste contexto, o presente trabalho tem como pressuposto teórico a abordagem histórico-cultural de Vygotsky (1984) que valoriza a influência que o outro exerce no desenvolvimento do sujeito por meio das interações, dos modelos, das possibilidades que um dá ao outro de pensar e refletir sobre o agir ou sobre um novo conhecimento, desafiando e dando novas soluções para problemas encontrados, fazendo com que o outro reflita e colabore assim na constituição do sujeito. Além disso, este importante pesquisador também atribuiu relevância a linguagem e seu papel para o desenvolvimento do sujeito como um todo e que também será levado em consideração no presente estudo.

Com isso, é necessário esclarecer que um dos motivos de interesse sobre esse tema de pesquisa foi a realidade singular encontrada no estágio pela autora. Acredita-se que a presente pesquisa seja relevante para que as propostas educativas encontradas possam ser conhecidas e que, a partir dessa análise, possam ser difundidos seus pontos positivos e negativos, contribuindo para futuras pesquisas e discussões a respeito da educação dos surdos e das propostas inclusivas encontradas. E que também colabore para a construção de novas metodologias que proporcionem maior aprendizado e desenvolvimento do sujeito surdo.

Fundamentada em pesquisas já realizadas sobre a importância da aquisição precoce da língua de sinais (TURETTA; GOÉS, 2012; LACERDA; LODI, 2012) percebe-se que a proposta da sala bilíngue na qual foi realizado o estágio da presente pesquisadora seja a mais adequada para a educação dos surdos nessa fase escolar, por isso, este estudo pretende responder aos seguintes questionamentos: Como vem sendo trabalhada a proposta bilíngue na escola de educação infantil observada? Quais as práticas pedagógicas encontradas neste espaço?

Dessa forma, espera-se que, a partir da caracterização da sala bilíngue observada, este estudo possa difundir conhecimentos sobre uma possibilidade diferenciada de metodologia de ensino para crianças surdas, na busca de caminhos para garantir uma melhor educação para os sujeitos surdos.

Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo caracterizar e descrever a realidade de uma sala bilíngue multisseriada de educação infantil, que tem a Libras como língua de instrução e discutir as práticas pedagógicas observadas.

2. Pressupostos teóricos

Educação Bilíngue

A educação dos surdos vem sofrendo constantes mudanças ao longo dos tempos, desde então vem se buscando uma proposta de educação que atenda às necessidades específicas dos surdos e que possibilitem sua inserção no mundo da linguagem, assegurando a todos o direito à educação, que de acordo com a constituição de 1988 art. 206- I garante “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” para todas as crianças” (BRASIL, 1988).

A história da educação dos surdos vem sendo marcada por inúmeras discussões a respeito de qual e como seria a melhor maneira de possibilitar que estes aprendam de acordo com as suas diferentes características.

Muitas teorias surgiram e diferentes autores defendem vertentes diversas de acordo com o que acreditam e conforme os estudos que realizam. As três principais abordagens que permearam a educação dos surdos ao longo da história foram: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo, que são discutidas por Lacerda (1998) destacando alguns pontos principais de cada uma delas assim como suas implicações para a educação dos surdos, mostrando que ainda hoje estes modelos coexistem e que todos têm seus pontos positivos e negativos.

O oralismo, segundo Lacerda (1998) foi um movimento que ganhou forças na década de 1880 com o Congresso de Milão que proibiu os surdos de utilizar a língua de sinais.

Eles eram obrigados a aprender a falar e sofreram muito com esta forma de educação durante bastante tempo, porém estudos mostraram que não foram alcançados muitos resultados positivos com essa prática.

A comunicação total então ganhou forças a partir da década de 1970, e trata-se de uma prática de educação dos surdos que foi desenvolvida uma vez que os resultados esperados com o oralismo não foram alcançados, mas que não substituiu o oralismo, surgindo como uma nova ideia de educação dos surdos almejando que eles dominassem a língua majoritária das comunidades ouvintes. Para tal, estudiosos começaram a se interessar mais pela língua de sinais e com isso se deu a proposta de usar, tanto sinais como leitura orofacial, amplificação sonora e alfabeto digital para o ensino dos surdos e assim poderiam escolher a maneira que considerassem melhor para se comunicar. Apesar de não ter obtido resultados tão satisfatórios quanto se esperava com a comunicação total, esta favoreceu a educação dos surdos uma vez que proporcionou o contato dos surdos com os sinais, proibidos pelo oralismo.

A proposta de educação bilíngue surgiu paralelamente a proposta de comunicação total e diferentemente do que se considerava nas duas propostas anteriores esta valoriza o uso da língua de sinais para o melhor desenvolvimento do sujeito surdo e busca promover o mesmo da maneira mais natural possível, assim como acontece com os ouvintes, garantindo o contato com a língua de sinais e com a língua majoritária utilizada pela sociedade na qual este indivíduo convive, mas mantendo as características de cada língua.

Além disso, se preocupa em atender a diversidade linguística destes alunos, adequando além da estrutura escolar e das práticas pedagógicas a língua em que os alunos terão acesso ao conhecimento de forma geral, e da qual vão fazer uso para interagir e conviver com o grupo em que se encontram, promovendo assim o desenvolvimento de suas capacidades.

A inserção da língua de sinais no ambiente escolar não é algo fácil de conseguir, uma vez que ainda há falta de profissionais capacitados para isso, porém as escolas vem buscando se adequar a esta nova realidade. Tal pensamento vai de encontro ao que foi apresentado no estudo de Turetta; Goés (2012) sobre uma proposta inclusiva bilíngue para crianças e que destaca que ainda existem algumas barreiras a serem superadas para que a proposta bilíngue melhore cada vez mais e assim consequentemente, a educação dos surdos como um todo.

Possibilitar ao aluno surdo que este tenha acesso a língua de sinais o quanto antes e de maneira mais natural possível é algo essencial para a sua aprendizagem. Com isso, é papel da escola atender a essa demanda, pois de acordo com Lacerda (2006) os sujeitos surdos, muitas

vezes filhos de pais ouvintes vão entrar em contato com a língua de sinais somente na escola. Para isso, é preciso que a escola tenha profissionais como intérpretes e instrutores surdos, além de profissionais ouvintes fluentes na língua de sinais, para que a criança possa por meio destes construir sua identidade surda e ter acesso à educação por meio de sua língua natural.

O sujeito surdo apresenta especificidades linguísticas que demandam atenção especializada para favorecer a sua aprendizagem dado o atraso do contato com a língua de sinais. Para o sujeito surdo é importante que as práticas atendam a sua principal potencialidade que é a visualidade, pois é por meio desta que eles vão compreender o que lhes é ensinado, uma vez que o campo auditivo está prejudicado. Esta característica torna a sua aprendizagem muito mais difícil na escola regular que vem ao longo dos anos pautada na educação voltada para o aluno ouvinte, com aulas que muitas vezes priorizam o auditivo, sem fazer muito uso de aspectos visuais o que prejudica ainda mais o aluno surdo, que já não tem acesso a língua utilizada em sala de aula. Torna-se assim essencial que sejam feitas mudanças nas estratégias utilizadas em sala de aula para que o aluno surdo tenha um material para se apoiar e acompanhar as aulas.

Portanto, entre as principais preocupações no que diz respeito à educação de surdos na proposta bilíngue estão: fazer as mediações em sala de aula por meio da língua de sinais; tornar as aulas mais visuais, utilizando mais recursos visuais e garantir que eles tenham referências surdas que vão compartilhar da mesma língua utilizada por eles. Dessa forma, busca-se atender a demanda do aluno surdo e colaborar na construção da identidade de cada um deles, tendo a língua de sinais como aquela que favorece sua apropriação para que sua aprendizagem ocorra.

E nessa condição, ainda, possibilitar também a introdução da segunda língua que a comunidade em que está inserido faz uso, neste caso a Língua Portuguesa na modalidade escrita, para que ele possa por meio desta se comunicar com sujeitos que não conheçam a língua de sinais e principalmente, tenha acesso aos conteúdos que circulam no mundo letrado o que é fundamental para sua cidadania

Interface da Educação Bilíngue e Educação Infantil

De acordo com a literatura, a educação infantil é um período de muita importância para o desenvolvimento e a aprendizagem de forma significativa para as crianças,

pois é nesta fase que a criança mais se desenvolve, conhece o mundo a sua volta, explora e aprende.

A educação infantil “exerce grande e definitiva influência na formação pessoal e social da criança sob uma perspectiva de educação para a cidadania” (ZWANG; NICOLoso, 2007, p. 22). São nas experiências vivenciadas na educação infantil que as crianças vão ter oportunidades diferenciadas de aquisição dos bens culturais, diferentes das encontradas em casa com os pais.

É na educação infantil que a criança tem contato com diversas formas de aprendizado, sabendo que o mesmo “é um processo com tempo e ritmo diversificado, determinado pela qualidade de interação, pelo nível de participação e pelas oportunidades de vivenciar experiências, construir e elaborar significados e compartilhar conhecimentos em grupo” (ZWANG; NICOLoso, 2007, p. 24) por isso é importante que a escola esteja atenta as diferentes formas de aprender de seus alunos.

Dentro das práticas desenvolvidas na educação infantil, uma das mais utilizadas é o brincar, seja este ato dirigido ou livre, a atividade de brincar possibilita observar a criança de uma maneira única, ver como ela soluciona problemas, como interage com as outras crianças, como faz uso da linguagem, seus avanços e suas inquietações.

Alguns autores destacam a importância do brincar para o desenvolvimento e a imaginação das crianças, como Dorin (1978); Leontiev, Lúria e Vygotsky (1992) Piaget e Inhelder (1995); Carneiro (1995); Junqueira (1999), Bee (1997), Papalia e Olds (2000), Brougère (2000), Biaggio (2002) e Kishimoto (2003). Os autores veem o brincar como uma atividade que proporciona o desenvolvimento e a imaginação da criança, mas discordam em relação ao desenvolvimento cognitivo e a motivação do brincar.

Tendo como base para este estudo a teoria histórico-cultural de Vygotsky, pode-se destacar que para o autor, é no ato de brincar que podemos observar como a criança está se desenvolvendo tanto em relação ao seu desenvolvimento físico como psicológico e social e é por meio da brincadeira que a criança expressa seus desejos, incertezas, soluciona problemas, cria e amplia suas possibilidades de desenvolvimento..

Para Vygotsky (1998), o brincar possibilita que a criança realize diferentes atividades com objetos e dê novos significados a estes durante o ato de brincar. Por meio da brincadeira a criança fica livre para desempenhar o papel que deseja e pode fugir daquilo que a prende ao real, possibilitando que ela manifeste por meio do brincar suas vontades, suas dúvidas e o que passa em seus pensamentos. É no brincar que a criança recria o que ela já conhece, dá

novo significado, imagina novas situações, assume papéis, entre tantas outras possibilidades que este ato dispõe.

O ato de brincar propicia também o desenvolvimento da linguagem, pois segundo Lodi e Luciano (2012, p.33) é por meio do processo da linguagem que “a criança começa a organizar seus pensamentos, a planejar suas ações, a imaginar situações e histórias e a representar objetos em sua mente de maneira diferente da realidade” (p.35).

O brincar de faz-de-conta que também é um ato, proporciona a criança oportunidades de “satisfazer suas necessidades mais imediatas e realizar atividades que ainda não domina” (ZWANG; NICOLOSO, 2007, p. 25).

Dentre as diversas brincadeiras que podem ser feitas na Educação Infantil, o jogo, segundo Oliveira et all (2006) proporciona um diálogo entre o adulto e a criança, sendo assim outro exemplo de oportunidades encontradas na escola para que o adulto possa intervir e ensinar à criança novos conhecimentos de mundo, no que diz respeito aos gestos, ao modo de se comportar diante das regras e principalmente a linguagem, pois é no diálogo que o jogo permite ao adulto ajudar no desenvolvimento da língua, questionando a criança e também servindo de modelo para que ela possa adequar o seu modo de se comunicar, assim como acontece na interação com outras crianças.

Para Vygotsky, a imitação e a interação com o outro que acontecem nas brincadeiras tem papel fundamental no desenvolvimento da criança. Pois possibilitam que a criança aprenda, observando e imitando os gestos de quem ela tem como referência, mudando e adequando seu próprio comportamento de acordo com o que lhe é ensinado e que é correto na comunidade em que vive, aprendendo assim seus costumes, crenças e valores.

Além disso, assim como o brincar, outro aspecto muito importante nessa fase de desenvolvimento é a linguagem. Para Vygotsky (1989) a linguagem exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, juntamente com as relações no processo histórico cultural de cada indivíduo. Vygotsky defende que o sujeito adquire conhecimento por meio da interação: a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio. O aprendizado se dá, sobretudo, quando há a internalização dos conceitos apreendidos nas interações, transformando estes conceitos em funções psicológicas superiores. Isso só é possível devido à mediação, que atuará sobre a zona de desenvolvimento proximal do sujeito. A mediação do outro é fundamental para o desenvolvimento de novos aprendizados, que com o tempo poderão ser vivenciados de maneira mais autônoma, sendo internalizados e o sujeito passa então a ter condições de realizá-los sozinho.

Assim, o espaço da Educação Infantil torna-se um ambiente propício para que as crianças tenham possibilidades de convivência com pares e possam aprender com o outro por meio das brincadeiras. É também na escola que ela vai conhecer as diferenças e desenvolver-se como sujeito reconhecendo sua identidade, conhecendo seu passado e construindo sua história.

No caso das crianças surdas, este aspecto é ainda mais relevante, uma vez que convivendo com seus pares surdos na Educação Infantil, ela tem a possibilidade de aprender a sua língua de forma natural, por meio das atividades desenvolvidas na escola como: a rotina, os cuidados, a alimentação e as brincadeiras. Tendo em vista que, geralmente, não convivem com usuários da língua de sinais fora do ambiente escolar.

Tais considerações evidenciam mais uma vez a importância dessas interações para o desenvolvimento da linguagem da criança e que no caso da criança surda é ainda mais necessário que esta tenha estas oportunidades na escola, visto o prejuízo que esta já apresenta por não conviver com seus pares surdos em outros ambientes para além da escola. Portanto, é na educação infantil que se torna possível o acontecimento de trocas e aprendizagens, fornecendo assim oportunidades para que a criança surda possa se desenvolver de forma natural, do mesmo modo como acontece com as crianças ouvintes.

Para isso é necessário que a criança surda mesmo convivendo e brincando com crianças ouvintes, tenha a possibilidade de conviver com outras crianças surdas para que assim possa interagir e desenvolver-se em contato com crianças que utilizem uma língua que faça sentido para elas, para que elas possam cada vez mais aprender a língua de sinais e assim ampliar suas possibilidades de desenvolvimento.

Turetta e Goés (2012) destacam que a criança surda deve ter contato o mais precocemente possível à língua de sinais para que assim “desenvolva as capacidades e competências linguísticas no mesmo ritmo que de um a criança ouvinte” (2012, p. 83). Portanto, a educação infantil nesse caso tem ainda mais relevância por ser um dos primeiros ambientes que a criança vai frequentar e conviver com seus pares.

Entretanto, se a criança surda é matriculada em uma escola de educação infantil, mas não tem essa possibilidade de conviver com seus pares surdos, esta forma de aprendizagem natural que ocorre com as crianças ouvintes por meio da linguagem lhe é negada, prejudicando assim seu desenvolvimento como um todo. Neste caso, não pode se considerar que a escola tem uma proposta inclusiva, pois não fornece todas as condições necessárias para que a criança surda tenha acesso ao conhecimento, tornando restrita à sua aprendizagem.

E para que a inclusão ocorra de forma efetiva é importante que a escola atenda a todas as necessidades dos alunos, pois não basta estar inserido no mesmo ambiente que as demais crianças sem garantir seu acesso ao conhecimento por meio das diferentes formas que esta criança possa ter de aprender, como no caso da criança surda, a língua de sinais.

Dessa forma, a proposta bilíngue permite o acesso dos alunos surdos aos conhecimentos adquiridos na escola, de forma a atender as demandas que são encontradas neste ambiente, como professores bilíngues, acesso a língua de sinais pelos profissionais da escola, adequações das atividades ao contexto e realidade dos alunos, assim como proporcionar momentos de trocas com pares surdos, aproximar as famílias da escola e possibilitar o maior contato com a língua de sinais, entre outras.

Ao contrário da proposta bilíngue, muitas escolas de educação infantil matriculam estudantes surdos em salas de aula juntamente com alunos ouvintes e dizem estar cumprindo com os princípios inclusivos, porém, apesar da existência de leis que garantem a matrícula do aluno com algum tipo de deficiência, as escolas precisam estar preocupadas não somente com a inserção do aluno na sala de aula, assim como Turetta; Goés (2012) defendem em seu estudo, mas devem buscar garantir a estes o direito de acesso à educação, o respeito às características e especificidades deste público, a atenção às demandas que estes vão ter neste ambiente para que assim de fato possam garantir o acesso ao conhecimento como acontece com as demais crianças.

Estes aspectos devem ser levados em consideração uma vez que embora todos estejam incluídos no ambiente escolar, existem diferenças muito específicas entre os alunos, principalmente no que diz respeito aos métodos de ensino e estratégias diferenciadas. Neste contexto, a escola deve estar preparada e encontrar alternativas, métodos e estratégias diversificadas que busquem atender a estes públicos distintos para assim favorecer o seu aprendizado de acordo com as especificidades que cada um tem.

Entretanto, a proposta bilíngue vem defender que diferente dos pensamentos presentes quando se fala de inclusão, como o de aprender a conviver com as diferenças, no caso dos alunos surdos, estes requerem ainda mais a presença dos iguais, pois os sujeitos surdos precisam ter contato com seus pares surdos na escola, para a construção de sua identidade (TURETTA e GOÉS, 2012).

Ainda de acordo com as autoras, a escola deve estar preparada para as diversas demandas que lhe caberão, já que pretende incluir alunos surdos seguindo uma abordagem bilíngue, pois para isso deve viabilizar e fornecer condições que possibilitem a criança ter

acesso ao conhecimento que é de direito e para isso, são necessárias diversas adequações como profissionais especializados, metodologias diferenciadas, entre tantas outras questões.

Libras e práticas pedagógicas da Educação Infantil

A língua de sinais é no que diz respeito à inclusão do aluno surdo o ponto principal para que o aprendizado aconteça, por mais que as práticas pedagógicas sejam modificadas e que os professores atentem para o uso de mais recursos visuais em suas aulas, sem a linguagem é quase impossível que a aprendizagem ocorra de maneira satisfatória.

De acordo com o referencial teórico histórico-cultural, a linguagem exerce “papel central na constituição dos sujeitos, pois é por seu intermédio e com seu uso que o sujeito pode estabelecer relações com o mundo, modificando-o ao mesmo tempo em que é por ele modificado” (LACERDA, 2006, p.45).

É preciso que o sujeito surdo aprenda a língua de sinais de forma contextualizada e tenha possibilidade de conviver e realizar atividades em grupo que vão promover o desenvolvimento desta língua. Não somente no ambiente escolar, mas de modo geral em todos os ambientes que o sujeito surdo frequenta e tem direito de frequentar, pois essa é sua língua de acesso ao mundo e ao conhecimento. Se o sujeito surdo não tem esse pré-requisito atendido todos os outros direitos dele lhe são retirados ou negados.

Portanto, é importante que os sujeitos surdos possam ter acesso ao conhecimento por meio da sua língua, possam fazer uso desta nos diferentes ambientes, conviver com seus pares surdos, aprender a se expressar de forma plena, podendo assim ter garantido seus direitos como todo cidadão e lutar para que outros avanços aconteçam no que diz respeito à educação dos surdos e a cultura surda que vem sendo construída por todos eles.

Além disso, é fundamental que os profissionais que vão atuar com os alunos surdos, como o professor bilíngue e o instrutor surdo tenham domínio da Libras e fluência para que assim possam dialogar com os alunos surdos e saber problematizar na língua de sinais.

O programa em foco

O objetivo do programa bilíngue, no qual foi desenvolvida esta pesquisa, é proporcionar um ambiente educacional inclusivo e bilíngue para alunos surdos e ouvintes de forma que todos tenham contato com a Libras e a Língua Portuguesa e que todos tenham acesso

aos conhecimentos previstos para este nível de ensino em condições semelhantes, ou seja, em sua língua de domínio.

O programa desenvolvido na escola é fundamentado a partir da lei Libras 10436/2002 (BRASIL, 2002) e do Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) e busca proporcionar condições de aprendizagem inclusivas, por meio do convívio dos alunos surdos em um ambiente bilíngue onde estão presentes a Libras e a Língua Portuguesa de modo a possibilitar seu melhor aprendizado e desenvolvimento. Com isso, o programa conta com condições diferenciadas na escola envolvida, tais como: pares surdos e profissionais competentes em Libras para se relacionar com os alunos. Conta ainda com o envolvimento de toda a escola, oferecendo oficinas para que os demais profissionais da escola tenham acesso a Libras e formações sobre surdez. Para isso, foi necessário a contratação de intérpretes de Libras e instrutor surdo, bem como seleção de professores bilíngues na rede municipal para ministrar as aulas em Libras para os alunos surdos. Além disso, conta também com a parceria de pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para proporcionar a formação continuada aos profissionais envolvidos neste programa.

Esta escola procura ainda proporcionar também às famílias dos alunos surdos o acesso a Libras de modo a favorecer o desenvolvimento desta língua nos ambientes fora da escola e facilitar a comunicação desta com seu filho surdo, por meio de aulas de Libras e atividades sociais inclusivas.

Além disso, permitir o acesso ao conhecimento por meio da Libras é necessário também repensar as estratégias e metodologias de ensino utilizadas para o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, por isso são feitas reuniões semanais para discutir e desenvolver melhores condições para o ensino destes alunos no ambiente escolar bilíngue.

3. Método

O presente estudo é de caráter qualitativo descritivo que segundo Godoy (1995, p. 58.) diz respeito a:

A obtenção de dados descritivos de pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da ação em estudo.

Os dados analisados são observações realizadas no decorrer do estágio curricular no primeiro semestre de 2014, em uma sala de educação infantil bilíngue. O procedimento de registro utilizado consistiu de diários de campo e relatório feito pela autora.

A língua de instrução utilizada na sala de aula para as interações é a Libras, e o Português é ensinado como segunda língua na modalidade escrita. Além disso, os alunos surdos convivem com os alunos ouvintes em momentos coletivos como no horário do parque, café, entre outros, para que tenham uma relação ampla com a comunidade escolar.

O presente estudo busca discutir as práticas pedagógicas encontradas nesta sala bilíngue. Espera-se que por meio deste possam ser evidenciadas e difundidas as práticas pedagógicas desenvolvidas com os alunos surdos e como vem sendo trabalhada esta proposta bilíngue na escola de educação infantil observada.

3.1 Participantes

A presente pesquisa teve como participantes: duas professoras que ministraram as aulas na sala bilíngue no período observado; três alunos surdos que frequentavam a sala. A primeira professora participante permaneceu na sala entre os dias 17 e 31 de março e a segunda professora começou seu trabalho na sala a partir do dia 31 de março até o dia 11 de junho, que foi o último dia de observação.

O nome dos participantes será mantido em sigilo, por questões éticas, e será utilizado um nome fictício ao mencioná-los.

Jorge, que tinha 6 anos no período da coleta, é o único menino da sala e apresenta perda auditiva do tipo moderada no ouvido direito e profunda no ouvido esquerdo. Por apresentar resquícios auditivos o aluno conseguia fazer o uso da oralidade em alguns momentos, mas não era o suficiente para que houvesse aprendizado por meio da oralidade. O aluno sabia poucos sinais da Libras, mas até o final da observação foi possível perceber um aumento no seu vocabulário em Libras.

Lívia, menina, tinha 6 anos neste período e tem perda auditiva do tipo profunda bilateral. A origem de sua surdez foi por conta de complicações durante a gravidez da mãe. L. nasceu com surdez e problemas cardiorrespiratório e não pode praticar atividades físicas que exigissem muito esforço. A aluna era a que apresentava maior repertório em Libras em relação aos demais alunos.

Marina, era a aluna mais nova, com 4 anos. Ela tem surdez com perda profunda bilateral, a origem da surdez é desconhecida, pois a aluna foi adotada com um ano de idade e sua mãe não tem muitas informações a respeito de sua família biológica. Há suspeita de que seja resultado de várias complicações que a aluna teve ao nascer, pois a mesma já passou por diversas cirurgias e fez uso de muitos medicamentos. Além disso, tem atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e estrabismo. A aluna quase não sabia sinais em Libras, mas durante o período observado foi possível ver um avanço em relação ao seu vocabulário em Libras.

Em relação ao contato das famílias com a Libras, os pais das alunas L. e M. estavam em fase de aquisição da Libras.

3.2 Local

A pesquisa foi realizada em uma sala bilíngue, multisseriada, de uma escola municipal de educação infantil, de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

A sala está localizada próxima a entrada da escola e a diretoria, a escola possui sete salas de aula, seis com 48 m² cada e uma com 20,50 m², sendo esta a sala bilíngue.

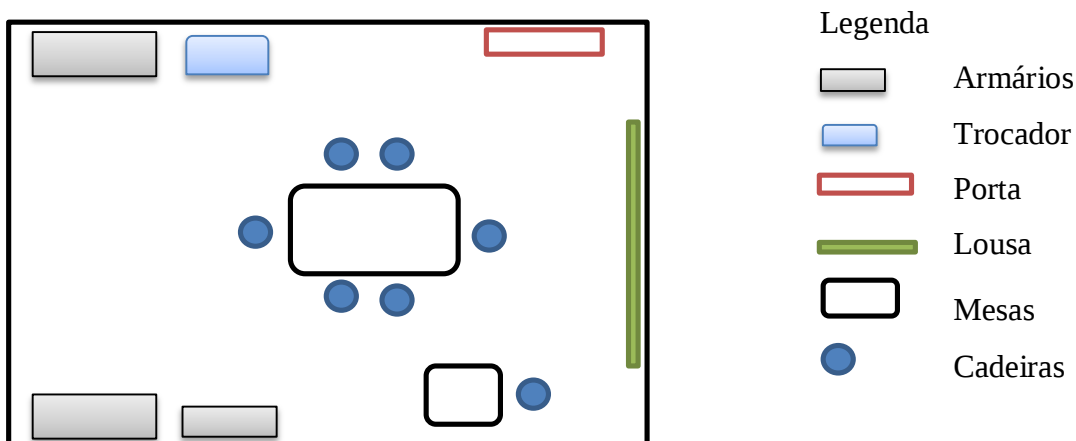


Figura 1. Layout da sala bilíngue. Fonte: elaboração própria

3.4 Materiais e instrumentos

Os instrumentos utilizados no estudo para a coleta de dados foram: os diários de campo e relatório de estágio da autora.

Os diários de campo

O relatório de estágio

4. Resultados

O presente estudo que teve como proposta descrever e refletir as práticas pedagógicas observadas em uma sala bilíngue de educação infantil foi desenvolvido por meio da leitura e análise dos diários de campo e relatório final de estágio, com isso foi possível refletir sobre as práticas encontradas neste contexto.

É importante ressaltar que o período de estágio que resultou neste trabalho aconteceu em um momento de troca de professores na sala, o que pode ter refletido nos resultados deste, uma vez que a professora que assumiu a sala neste período era recém-formada, não tinha experiência anterior com alunos surdos e tinha pouco repertório em Libras¹. E como os alunos estavam acostumados com a professora anterior, precisaram de um tempo para se adaptar a esta nova situação e conhecer a nova professora.

A sala bilíngue era multisseriada e era composta por três alunos. Sendo um menino e duas meninas, com repertórios linguísticos distintos, conforme já descrito.

Om base na literatura estudada, foi realizada a leitura e análise dos diários de campo e do relatório, foram destacados os pontos considerados principais que caracterizam a

¹ A professora bilíngue era selecionada dentre as professoras regentes da rede municipal. Nesta oportunidade esta era a professora com melhores condições e disponibilidade para assumir esta sala.

sala de aula observada como uma sala bilíngue, com práticas pedagógicas diferenciadas e que promovem melhor aprendizagem e desenvolvimento dos alunos surdos.

Uso da Libras na sala de aula

Em primeiro lugar evidenciou-se o uso da Libras como a língua de instrução, que é a principal característica para se trabalhar com alunos surdos. Fato que concorda com o estudo de Turetta e Goés, estudo que afirmou que por mais que no processo de inclusão defende-se que “os alunos devem ter contato com as diferenças, (...) eles também precisam ter contato com seus iguais para a constituição de sua identidade” (2012, p.85). Neste sentido, a professora buscava usar a Libras para todas as suas interações com os alunos e buscava interpretar os gestos e manifestações dos alunos significando-os no contexto da Libras. Como todos eram usuários da Libras de forma não proficiente, muitas significações eram construídas nas relações entre alunos e professora, buscando sempre ampliar os conhecimentos em Libras de todos.

Outro aspecto que favorece a aprendizagem dos alunos neste contexto é a sala ser composta apenas por alunos surdos, para que assim eles tenham contato com seus pares, que utilizam da mesma língua e estimulam uns aos outros para melhor desenvolvimento da linguagem e do sujeito como um todo. Portanto, pode-se dizer que este espaço busca garantir esta troca de experiências e é positivo para a aprendizagem e formação dos alunos como sujeitos.

Além disso, as práticas diferenciadas encontradas neste ambiente podem nos impulsionar a reflexões, estudos e pesquisas para a promoção de melhores condições de aprendizagem para os alunos surdos.

Destaca-se que esta prática se diferencia daquela encontrada em ambientes que se dizem bilíngues, mas que se organizam com a presença de intérprete de Libras, com as relações sendo marcadas pelo processo tradutório (LUCIANO e LODI, 2009). A possibilidade de relação com/na e pela Libras favorece o desenvolvimento linguístico e cognitivo muito mais adequado à criança surda.

Ênfase em aspectos visuais

Em relação as atividades desenvolvidas na sala de aula, foi possível observar que todas têm sempre características mais visuais, com o apoio de recursos como o uso de

fotografias e objetos concretos, por exemplo. O que se observa é que o uso de aspectos visuais vem sempre apoiado no uso da Libras para que esta possa se desenvolver do modo mais natural possível, e ao mesmo tempo favoreça a construção conceitual pelas crianças. Portanto, nas atividades observadas ao longo deste período foram destacadas algumas características que favoreceram o aprendizado da Libras e o desenvolvimento dos alunos.

A observação mostrou que os alunos tinham uma rotina diária em sala de aula, rotina esta que é uma das principais características da educação infantil. Esta rotina era realizada todo dia por meio de fotos e instrução em Libras.

Outro momento que merece destaque é a *chamada*, que também era realizada todos os dias e de modos diferentes para garantir a compreensão dos alunos e era sempre mediada pela Libras.

Assim como acontecia também nos momentos fora da sala de aula, como o café, o almoço, a hora do parque, em todos estes momentos os alunos estavam em contato com a Libras, perguntavam coisas e eram ensinados a eles novos sinais para que pudessem se comunicar melhor e compreender o que acontece a sua volta, assim como acontece na educação infantil de modo geral, pois os alunos estão em constante desenvolvimento e aprendizagem da língua.

Assumindo a centralidade da Libras e de práticas com ênfase em processos visuais, os resultados do presente estudo serão descritos a partir da identificação de algumas práticas recorrentes, fundamentais para o trabalho na sala bilíngue, que são: a rotina, trabalhos com narrativas e outras atividades. Então partindo destas práticas serão apresentados alguns dados registrados em diário de campo que serão analisados buscando evidenciar as práticas pedagógicas que fazem desta uma sala de educação infantil bilíngue, buscando responder aos questionamentos que foram propostos para este estudo.

4.1 Rotinas

No que diz respeito a rotina, que será a primeira categoria a ser explorada neste estudo, foi possível perceber diferentes modos de trabalhar nesta proposta.

Todos os dias ao chegar na sala de aula, era apresentada aos alunos a rotina do dia, que era organizada pela professora com fotos dos alunos fazendo as atividades, tais como: tomar café da manhã, brincar, desenhar, hora do parque, almoçar, escovar os dentes, brincar com determinados brinquedos e hora de ir embora.

Este momento era sempre mediado pela Libras, no início a professora precisava repetir algumas vezes os sinais para que os alunos compreendessem repetissem/imitassem, mas com o passar do tempo, ao longo do semestre, os alunos mais velhos foram aprendendo e eles faziam alguns sinais antes mesmo da professora apresentar a foto, já a aluna mais nova foi conseguindo imitar alguns sinais ao longo deste período, apresentando um desenvolvimento da Libras no mesmo período.

Esta atividade é importante pela sua repetição e por se tratar de algo que se instala na educação infantil com certa especificidade, e que permite analisar como esta é trabalhada em uma sala bilíngue de modo a favorecer a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos surdos.

Além disso, é fundamental que a rotina do dia seja bem trabalhada, pois

a rotina escolar não pode ser tratada de uma forma mecânica, pelo contrário, toda atividade desenvolvida e os horários e espaços determinados para a realização das ações devem ser planejadas visando favorecer o trabalho pedagógico e as necessidades das crianças. (BILÓRIA; METZNER, 2013, p. 7)

Dessa forma, a rotina trabalhada na sala bilíngue está adequada, podendo-se pensar também em outras formas de apresentar.

A seguir será feita algumas considerações sobre atividades de rotina na sala bilíngue.

4.1.1 Agenda diária

Para trabalhar com a rotina do dia foram destacados alguns dados que mostram as diferentes formas de se realizar esta atividade no contexto da sala bilíngue. Este momento é importante pois permite aos alunos compreender que existe uma ordem para realizar as atividades do dia, assim como existem regras e horários que precisam ser respeitados, além de deixar os alunos mais tranquilos e seguros em relação ao que vai acontecer no dia, pois a rotina “é responsável pela organização e cumprimento das metas pré-estabelecidas no dia-a-dia escolar visando, principalmente, o desenvolvimento integral da criança.” (BILÓRIA; METZNER, 2013, p.6).

Além disso, também é possível desenvolver o repertório de Libras dos alunos conforme se apresenta cada atividade nova, promovendo e estimulando o diálogo e auxiliando também na compreensão da relação entre o sinal, a imagem e a atividade em si, favorecendo

um complexo trabalho de construção conceitual. Como podem ser vistos nos dados a seguir, retirados dos diários de campo.

“a professora apresentou a rotina do dia aos alunos montando na porta do armário a ordem das atividades que seriam feitas naquele dia, utilizando as fotografias das atividades que ficavam fixadas nesta mesma porta do armário e fazendo os sinais correspondentes a cada atividade. (19/03/2014)

O que há de específico no fazer desta atividade que a torna prática de uma sala bilíngue é o uso da Libras, assim como a relação que a professora faz da imagem com seu respectivo sinal, permitindo assim ao aluno compreender modos de se referir/representar esta atividade. Assim, para perguntar, por exemplo, sobre a hora do parque, ele pode usar determinado sinal e não apenas apontar para a imagem que corresponde ao parque.

É algo muito importante para o aluno surdo, pois é preciso que ele aprenda a se comunicar na sua língua, a fazer perguntas, a responder e fazer a relação entre o objeto e seu sinal, portanto é essencial que sejam feitas atividades deste tipo, que assim como na educação infantil nas salas comuns, sejam oferecidos momentos que desenvolvam a linguagem utilizando atividades cotidianas dos alunos para esse aprendizado.

No próximo trecho destacado do diário de campo, temos o estímulo ao uso da Libras pela professora.

“Depois da apresentação da rotina do dia, a professora pegou as fotos que estavam fixadas no armário, foi mostrando uma por uma para os alunos e perguntando qual era a atividade, depois fixava a foto de volta no armário. Além de perguntar qual era o sinal daquela imagem ela perguntava também aos alunos o que aconteceria depois, a aluna L. e o aluno J. souberam responder alguns sinais e o que fariam depois.” (07/05/2014)

Neste trecho é possível perceber a preocupação da professora em relação a aprendizagem dos alunos, se os mesmos estavam entendendo qual era a ordem das atividades que fariam no dia, além de analisar se reconheciam os sinais relativos às atividades e se compreendiam o significado das fotografias.

Esse estímulo ao uso da Libras pelos alunos é relevante, uma vez que diferente

dos alunos ouvintes que convivem com sua língua em todos os momentos do seu dia a dia, o aluno surdo tem principalmente no ambiente escolar esta possibilidade, tendo em vista que em casa, com a família, muitas vezes é difícil se comunicar em Libras, por não ter um interlocutor fluente na língua.

Alencar; Miranda; Croce (2007) em seu estudo, defendem que todos os alunos tenham acesso à educação, tendo acesso a sua cultura e direito a participação. O que neste caso, para os alunos surdos deve ocorrer por meio da língua acessível a eles, ou seja, a Libras.

Além disso, a repetição desta atividade todos os dias, deixa os alunos mais seguros e tranquilos sobre o que vai acontecer e com isso permite maiores possibilidades para o desenvolvimento da língua de sinais, buscando diferentes formas de se apresentar e relacionar com as figuras trabalhadas correspondentes às atividades que são desenvolvidas no ambiente escolar dando oportunidade a eles de questionar sobre a rotina do dia e aprender ainda mais sobre cada atividade desenvolvida na sala.

4.1.2 Chamada

Nesta atividade a professora mostrava a foto juntamente com o nome de cada um dos alunos, que era fixada na porta do armário da sala, em seguida fazia o sinal de cada um dos alunos e perguntava se aquele aluno estava na sala ou não, ensinando sempre aos alunos os sinais de seus amigos e ajudando na compreensão desta atividade. Ao longo do semestre os alunos aprenderam seus próprios sinais, bem como os dos colegas, e começaram a antecipar a presença ou a ausência dos amigos.

A chamada é um momento importante pois permite que os alunos façam a relação entre os seus colegas e seus respectivos sinais, permite também o reconhecimento de que aquela imagem representa determinado aluno, aprendem os nomes e os sinais de seus amigos, bem como o próprio nome.

Este momento permite também que compreendam o conceito de presença e ausência, o que foi muito observado na sala principalmente com aluna mais nova, pois ela não compreendia essa relação do sinal de “falta” com o fato de determinado aluno não estar presente na sala de aula aquele dia ou não ter ido à escola. Mas com o tempo foi compreendendo este conceito e ela mesma já ia até as fotos no armário e fazia os sinais mostrando se o aluno estava presente ou não na aula.

“em seguida a professora fez a chamada, mostrando a foto de cada um dos alunos - que também ficavam fixadas na porta do armário - e fez o sinal de cada um dos alunos” (19/03/2014)

Esta estratégia é importante pois mostra aos alunos a relação da imagem com a pessoa de que está se falando e seu respectivo sinal, permitindo assim que os alunos compreendam que cada um tem um nome e aprendam o seu sinal. É com o uso deste sinal que os alunos vão poder se comunicar e dizer algo a respeito de seu colega da sala, aprendendo a se referir sobre o aluno utilizando o seu sinal.

Outra estratégia utilizada na sala bilíngue que merece destaque foi a seguinte.

“em seguida J. fez uma atividade de circular os nomes de quem estava presente na aula em uma cartolina.” (04/06/2014)

Esta outra estratégia chama atenção dos alunos para a escrita, pois uma vez que estamos em um mundo no qual convivemos diariamente com informações escritas por todos os cantos, é fundamental que os alunos tenham contato com a leitura e escrita desde cedo, mesmo que ainda não saibam escrever, assim começar a entender seu significado e perceber que as letras juntas representam algo, neste caso o nome de cada um deles.

O contato com a leitura e escrita já na educação infantil é importante, pois permitem construir uma relação com a escrita enquanto prática discursiva e enquanto objeto de mediação com o mundo (LEBEDEFF, GUEDES, 2004). Além de que, conforme Kubaski e Moraes (2009), o acesso a Língua Portuguesa na modalidade escrita, permite maior acesso ao mundo a sua volta que é constituído na sua grande maioria por ouvintes, então será por meio da leitura e escrita que o aluno surdo encontra grande acesso às informações que não lhe são oferecidas ainda por meio da sua língua. O aluno surdo “deve ter contato com a língua portuguesa de forma funcional, a partir de objetos e coisas familiares para ela, estabelecendo a relação das palavras com as coisas” (KUBASKI; MORAES, 2004, p. 3418).

O outro exemplo destacado mostra como a professora buscou trabalhar a leitura de diferentes formas com os alunos.

“a professora escreveu o nome de cada um dos alunos na lousa e perguntou para os alunos onde estava seu nome, L. apontou rapidamente para o seu

nome, J. também conseguiu encontrar o seu, apenas M. não apontou.”
(07/05/2014)

Além das estratégias exploradas nesta atividade, outra alternativa seria começar a trabalhar também neste contexto a escrita, para que os alunos comessem a desenvolvê-la por meio dos próprios nomes e nomes dos amigos.

4.1.3 Calendário

Os momentos de trabalho com o calendário permitiam muita aprendizagem, não só em relação ao desenvolvimento da língua de sinais, mas também na compreensão da passagem do tempo, que é um conceito muito importante e que é ensinado desde muito cedo nas escolas de educação infantil e de difícil compreensão dos alunos.

Nestes momentos os alunos tinham a oportunidade de fazer a relação entre o dia da semana, o número que correspondia a este dia, compreender como estava o tempo (ensolarado, nublado, chovendo), desenvolver a coordenação motora na hora de escrever o número correspondente e fazer um desenho sobre o dia, ou seja, aprender a representar de diferentes formas aquele conhecimento, trabalhando com diferentes esferas simbólicas.

O primeiro exemplo mostra como era trabalhada esta atividade na sala:

“A primeira atividade foi de preencher o calendário, a professora deu a folha do mês e fez o sinal do número para o aluno e pediu que ele escrevesse o número na folha. Depois a professora deu uma folha sulfite para cada aluno e pediu que eles desenhasssem como estava o dia, se estava sol ou se estava chovendo e fez perguntas sobre o dia.” (04/06/2014)

Neste trecho é evidenciado o uso da Libras na atividade e além disso, a professora buscava desenvolver diferentes modos de registro, como a escrita, por exemplo quando pedia ao aluno para escrever o número na folha e o desenho.

O desenho é uma estratégia importante na educação infantil, pois é importante como forma de expressão e uma possibilidade de representação.

Já no trecho a seguir a professora auxiliava o aluno na escrita do número, servindo de exemplo. Como o aluno ainda não conseguia fazer sozinho, era importante fornecer

o modelo, para assim facilitar a aprendizagem do aluno, inclusive para criar condições para a criança relacionar o sinal com o símbolo escrito.

“Quando voltaram do café os alunos preencheram o calendário, para isso a professora colocou na lousa o número correspondente ao dia e ajudou os alunos que estava com dificuldade a escrever o número, pegando na mão deles e ajudando na escrita” (12/05/2014)

Conforme é possível perceber, pode-se considerar que tendo em vista que um dos alunos ainda não estava conseguindo escrever o número correspondente, a professora utilizou de outra estratégia que foi o pontilhado para ajudar na orientação do aluno na realização da atividade.

“a primeira atividade foi de preencher o calendário. Os alunos J. e M. foram à aula, J. escreveu sobre o pontilhado que a professora fez já M. escreveu com o auxílio da professora que segurou em sua mão para que ela realizasse o traçado.” (21/05/2014)

Nestes trechos pode-se observar diferentes estratégias que a professora utilizou para trabalhar o calendário. Evidencia-se principalmente o uso da Libras em todos os momentos, assim como o apoio do visual para auxiliar na compreensão dos alunos quando é dado o modelo do número escrito para que os alunos copiassem.

Destaca-se a preocupação em mudar de estratégias quando a mesma não funciona para todos os alunos, o que sempre pode acontecer uma vez que os alunos tem idades diferentes e estão em níveis de desenvolvimento diferentes, inclusive em relação a linguagem.

4.2 Trabalho com narrativas

4.2.1 Narrativas sobre o fim de semana

As atividades envolvendo narrativas constituíam momentos em que os alunos eram estimulados a lembrar do que fizeram no dia anterior, aprendiam a contar aos outros o que haviam feito e permitia então o desenvolvimento da comunicação entre os alunos e outros sujeitos na língua de sinais (nessas atividades a estagiária também era convidada a participar o

que ampliava o número de interlocutores). Esta atividade é muito importante, uma vez que é neste ambiente em que os alunos encontram interlocutores que tem maior fluência na língua de sinais e podem assim promover maior desenvolvimento da sua língua, estimulando e favorecendo um uso adequado da Libras.

As narrativas eram feitas a partir de registros dos pais nos cadernos dos alunos, que contavam o que os alunos tinham feito no final de semana. Como os alunos não sabiam ler e, se perguntados, muitas vezes, não compreendiam e não sabiam explicar o que havia acontecido no dia anterior, a professora utilizava os registros para começar um diálogo com eles, fazendo os sinais do que eles haviam feito, explicando o que era quando eles não entendiam e perguntando se eles haviam gostado ou não e o que mais lembravam sobre o fim de semana.

Aos poucos, ao longo do semestre, os alunos iam se sentindo mais à vontade e começavam a contar sobre as atividades do final de semana sem muitas perguntas da professora e também conforme iam aprendendo novos sinais.

As narrativas eram práticas constantes na sala de aula e permitiam assim maior participação dos alunos e interação entre eles por meio do uso da Libras.

Pires (2011) em seu estudo defende a importância das narrativas na educação infantil de modo geral, consideramos que para o contexto bilíngue as narrativas são ainda mais importante pois, proporcionam práticas discursivas que colaboram com a participação e o envolvimento dos sujeitos surdos no processo de aprendizagem além de possibilitar o trabalho em grupo e a construção de conceitos importantes em sua língua. Além disso, evidencia-se por meio dessas atividades, a oportunidade aos alunos surdos de um ensino que contribui para o desenvolvimento do sujeito pela linguagem.

Como podem ser observadas nos trechos a seguir:

“A primeira atividade do dia foi conversar sobre o fim de semana. A professora perguntou a aluna o que ela fez no final de semana. Para auxiliar na compreensão dos sinais, a professora utilizou o computador da escola para mostrar imagens sobre o que estava falando para a aluna, uma das imagens foi a foto de um cachorro, pois a mãe da aluna havia falado que ela tinha ganho um cachorro no sábado.” (28/04/2014)

Nesta atividade o uso das imagens foi essencial, pois só assim a aluna

compreendeu sobre o que a professora estava falando, uma vez que a aluna não sabia muitos sinais e não compreendia ainda o uso da Libras, agindo muito mais por imitação. O entendimento do que a professora estava querendo falar só foi possível quando a aluna viu uma imagem de um cachorro muito parecido com o dela e só assim então compreendeu a relação do sinal com a imagem do cachorro e demonstrou alegria ao fazer o sinal de cachorro.

Neste outro momento é possível perceber como a professora incentiva os alunos a participar quando faz perguntas a eles sobre o que mais eles lembravam do final de semana.

“A professora leu no caderno de cada um dos alunos o que os pais haviam escrito sobre o que fizeram no final de semana, em seguida chamava a atenção de cada um dos alunos e começava a explicar em Libras o que cada um havia feito no fim de semana, depois perguntava aos alunos se eles haviam gostado e se lembravam de mais alguma coisa que haviam feito. Em seguida todos os alunos faziam um desenho sobre o fim de semana.”(07/04/2014)

4.2.2 Narrativas para recontar histórias

Outro momento de uso da narrativa que merece destaque foi a atividade de recontar uma história de um vídeo que haviam acabado de ver.

“os alunos assistiram um vídeo da história da Chapeuzinho Vermelho, após o vídeo a professora discutiu com os alunos um pouco da história que haviam acabado de ver, a professora fazia sinais dos personagens ou de momentos da história e perguntava o que havia acontecido depois com eles.” (19/03/2014)

Esta atividade se mostrou importante para que a professora pudesse compreender o que os alunos entenderam da história, ensinar sinais novos, desenvolver com isso a relação de tempo e estrutura da língua para explicar o que havia acontecido e com quem, para assim perceber como os alunos fazem esta relação. Ao mesmo tempo, os alunos ao narrarem vão se apropriando da estrutura da Libras e ampliando seus conhecimentos nesta língua.

Além da narrativa como forma de incentivar o uso da Libras, a utilização do registro em forma de desenho, permitia desenvolver nos alunos também coordenação motora

que é uma das habilidades trabalhadas na educação infantil. Além disso, eram exploradas diferentes formas de registro para que os alunos compreendessem esta relação, do que foi feito e de como representar, pois o desenho é muito importante nesta fase do desenvolvimento.

“a professora fez a conversa sobre o fim de semana. Nesta atividade a aluna M. é a que menos participa, pois ainda não tem muito vocabulário para se expressar em Libras, normalmente apenas copia alguns sinais quando é pedido a ela. Os alunos J. e L. participaram da atividade contando o que fizeram no domingo, que foi o dia das mães e ambos disseram que comeram churrasco. J. disse que foi na casa de sua avó e L. disse que o churrasco foi em sua casa mesmo.” (12/05/2014)

Este momento da narrativa sobre o fim de semana destacado, mostra bastante como é o desenvolvimento da linguagem nos alunos, pois permite observar que cada um deles está num nível de aprendizagem, sendo assim cada um tem uma forma de expressar o que fizeram. Com isso é possível pensar em quais estratégias utilizar para cada aluno, buscando desenvolver aquilo que eles ainda não aprenderam e favorecer sua evolução neste processo de aprendizagem da língua para melhorar a comunicação dos alunos dentro e fora do ambiente escolar.

A aluna mais nova por estar em fase inicial de aquisição da Libras predominantemente imita os sinais, o que também é comum aos sujeitos ouvintes quando estão aprendendo a falar. Já os outros dois alunos que tem maior repertório e compreensão da Libras, por serem mais velhos e terem maior contato com a língua e já conseguem contar com poucos sinais o que fizeram no dia anterior.

Acredita-se que esta prática é fundamental, pois permite que os alunos sirvam de modelo uns para os outros e que a língua possa ser desenvolvida assim como acontece com os sujeitos ouvintes que convivem com seus pares diariamente. Quando um tem mais habilidades e domínio da língua e outro ainda não, aquele com maior domínio serve de modelo para que o outro aprenda por meio da observação, imitação e interações e assim contribui para sua formação e constituição como sujeito surdo usuário de Libras.

As práticas observadas convergem para o que está apontado nos estudos de Vygotsky (1984) quando enfatiza sobre a importância da observação e da imitação para o desenvolvimento do sujeito.

4.3 Outras atividades pedagógicas

4.3.1 Vídeo

Outra estratégia utilizada pela professora foi o uso de recursos visuais no trabalho com os alunos, como por exemplo, vídeos, imagens e desenhos. Estes recursos foram utilizados em atividades sobre a temática contos de fadas, observadas no semestre letivo, acompanhado nesta pesquisa.

O trabalho com histórias infantis é muito importante, pois favorecem uma experiência rica que colabora na formação do sujeito, no aprendizado de novos conceitos e no conhecimento da cultura em que está inserido (LEBEDEFF; GUEDES, 2004). E para o aluno surdo é ainda mais importante, tendo em vista que a maioria se encontra em desvantagem, por ser filhos de pais ouvintes, não usuários de Libras, e não ter essas experiências em outros ambientes fora do contexto escolar.

Além disso, essa estratégia é essencial pois permite ao sujeito surdo conhecer as histórias de modo mais visual, assim como é a sua língua. Esta estratégia se mostra bastante eficaz, pois chama a atenção dos alunos, permite que eles utilizem além dos sinais em Libras a observação de detalhes, das imagens para compreender determinados conceitos e desenvolver a linguagem, uma vez que o meio visual é um recurso muito rico para a aprendizagem dos alunos. Como pode ser visto a seguir.

“a estagiária contou a história dos três porquinhos em Libras com o apoio de imagens no computador, após terminar também passou um vídeo da história que não tinha som.” (07/05/2014)

Este momento mostra a relação da Libras com as imagens para a melhor compreensão dos alunos sobre a história e a importância da repetição para o desenvolvimento da linguagem nos alunos, uma vez que mostra aos alunos que não tem apenas uma forma de

contar determinada história e assim, com o uso de diferentes versões da mesma história, permite que os alunos percebam outros detalhes que podem ter passado despercebido por eles anteriormente e que assim podem ter influenciado na compreensão da história como um todo para cada um deles.

Outra estratégia para auxiliar na compreensão dos alunos foi a encenação. Permitindo que os alunos se transformassem nos personagens e compreendessem/refletissem sobre o que cada um fazia na história e porquê. Assim como mostra o trecho destacado:

“a professora passou o vídeo da história da Chapeuzinho Vermelho. Depois junto com a coordenadora, que ficou um pouco na sala para auxiliar a professora caso ela precisasse, todos foram ao pátio da escola para encenar a história da Chapeuzinho.” (26/03/2014)

Outras formas de representar a história e seus personagens, permite a generalização de alguns conceitos e faz com que os alunos desenvolvam ainda mais a linguagem, não só nos momentos de atividades pedagógicas, mas também de forma mais livre e espontânea.

Neste outro trecho é evidenciado outra maneira de trabalhar a temática, utilizando o desenho e a construção de um jogo, elaborando assim para elaborar outra atividade, tornando a aprendizagem mais lúdica.

“os alunos pintaram os personagens da história da Chapeuzinho Vermelho e com eles foi feito um jogo da memória.” (31/03/2014)

“os alunos brincaram de jogo da memória com os personagens da história da Chapeuzinho”(09/04/2014).

Estas diferentes estratégias facilitaram a compreensão dos alunos sobre a história e serviram de estímulo para novos e diferentes aprendizados que foram essenciais para o desenvolvimento dos alunos de modo geral.

4.3.2 Jogo simbólico

A prática do jogo simbólico é muito importante para o desenvolvimento dos alunos surdos, pois permite que eles se expressem, não necessariamente pela Libras, já que esta ainda está sendo aprendida, e assim possamos observar e compreender aspectos muito importantes no desenvolvimento dos alunos.

Por meio do jogo simbólico eles constroem significação de mundo, representam e são representados, solucionam problemas ampliam suas possibilidades de significação. Este é um momento fundamental e que foi bastante explorado na sala bilíngue observada.

Assim como para os ouvintes, está é uma prática essencial na educação infantil e tem relevância para o desenvolvimento da linguagem dos sujeitos surdos. O jogo simbólico e as dramatizações também foram um diferencial no ensino dos alunos, pois assim como defende Vygotsky (1984) o jogo simbólico ajuda na aprendizagem de conceitos novos para as crianças, permite que elas desempenhem papéis, realizem ações que não fariam em outras situações senão por meio do jogo simbólico. Como podem ser visto nos exemplos destacados.

“a professora vestiu a aluna com algumas fantasias que estavam no armário. Havia fantasias de princesa, bailarina, pirata entre outras e começou a brincar com a aluna de faz de conta.” (28/04/2014)

“a atividade foi de brincar de circo, imitando os personagens do circo. J. imitou o domador de leão e o mágico, M. imitou o palhaço. (07/04/2014)

“a professora tirou fotos dos alunos vestidos dos personagens da Chapeuzinho vermelho. Depois a professora sorteou os personagens que os alunos iam encenar na história e todos foram brincar na casinha que fica no pátio da escola.” (09/04/2014)

“a professora pegou uma sacola com várias fantasias e deixou que eles se vestissem do que quisessem. A estagiária se fantasiou também e eles brincaram todos juntos de faz de conta. J. se vestiu de Power Ranger, L. se vestiu de princesa e M. se vestiu de dançarina. A estagiária colocou um capuz preto e fingiu que ia pegar os alunos e eles saíram correndo pela sala. Durante a brincadeira eles foram trocando até que todos tivessem feito o papel do monstro que sai correndo para pegar as pessoas.” (12/05/2014)

Nestes trechos destacados, evidencia-se o papel do adulto, que propõe atividades e cria situações novas para que os alunos possam interagir e solucionar novos problemas. Por meio do brincar de faz de conta, a criança precisa se colocar no papel de determinado personagem e assim pode fazer coisas que não faria normalmente.

Oferecendo oportunidades como estas para a criança surda, por meio do brincar, o adulto estimula a criatividade dela, assim como propicia experiências novas que vão influenciar no seu desenvolvimento. E a Libras é essencial para que tudo isso aconteça, pois é pela linguagem que são feitas as negociações das brincadeiras, dos papéis que cada uma vai assumir e de todos os conflitos que aparecerem durante a brincadeira.

Ou seja, muito mais do que apenas fantasiar os alunos, estas atividades proporcionaram experiências ricas para o desenvolvimento como sujeito de todos os alunos e de forma mais livre e espontânea.

4.3.3 Projetos norteadores

Também cabe destacar que as atividades da sala bilíngue desenvolvidas por meio de projetos norteadores, um exemplo foram as atividades sobre a copa da mundo, um tema bastante trabalhado em sala e que resultou em diferentes atividades que estimularam os alunos a utilizar a Libras e conhecer novos sinais, pois partem-se de um tema que estava perpassando o cotidiano dos alunos, fora do espaço escolar.

O uso do contexto é relevante, uma vez que por meio de temas do interesse dos alunos, pode-se trabalhar de diferentes atividades e explorar o que os alunos sabem do tema. Além de promover diálogos diferenciados de modo a desenvolver ainda mais a língua que os alunos estão em constante aprendizagem.

“a professora fez uma atividade sobre os países que vão participar da Copa do Mundo. No pátio da escola a professora já havia colocado há alguns dias as imagens das bandeiras dos países e seus respectivos sinais em Libras, então ela levou os alunos ao pátio e com o mapa mundial foi mostrando aos alunos onde cada país fica e reforçando os seus sinais.” (11/06/2014)

A proposta de trabalhar um tema atual com os alunos como a copa do mundo, que estava acontecendo naquele período, foi algo relevante, pois chamou a atenção dos alunos, principalmente do menino, gerando interesse em conhecer novos sinais e com isso melhorar ainda mais o uso da língua de sinais pelo aluno.

“a professora pegou um globo terrestre e ensinou alguns sinais a respeito dos países que participavam da copa do mundo e dos animais que encontramos nesses lugares, pois J. gosta bastante de animais.” (14/05/2014)

Neste dado é possível perceber que o tema Copa do Mundo foi trabalhado de diferentes formas e por meio dele, surgiram outros temas relacionados que também eram de interesse do aluno. Partir do que o aluno gosta/se interessa para elaborar as atividades foi uma estratégia relevante, pois garante sua motivação e interesse em participar das atividades promovendo assim o melhor desenvolvimento da linguagem por meio dos diálogos propostos sobre a temática, sempre fazendo uso da Libras como língua de instrução.

O trecho a seguir, mostra o trabalho com outro tema de interesse:

“A primeira atividade proposta pela professora foi de reconhecimento de animais por meio de figuras de um jogo da memória. A aluna M. repetiu os sinais dos seguintes animais: gato, porco, elefante, jacaré, pato e leão.” (30/04/2014)

Neste trecho, é possível perceber que o tema animais era de interesse não só de um aluno, com isso a professora buscou formas diferentes de se trabalhar a temática de modo a garantir a aprendizagem de todos e partindo do nível de desenvolvimento de cada um deles. Uma vez que aluna Marina ainda não sabia muitos sinais, a professora explorou o tema animais, para ensinar a relação entre imagem e sinal para ela e com isso ir aumentando seu repertório em Libras.

Outro trecho que merece destaque ao ser analisado foi:

“a estagiária contou a história dos Três Porquinhos com apoio de imagens projetadas na parede. J. prestou bastante atenção, porém M. ficou dispersa. Então após contar a história, a estagiária ficou com a aluna mostrando novamente as imagens e interagindo com ela por meio da língua de sinais,

buscando dar oportunidade à aluna de ter contato com a língua além de ser uma atividade que tem o objetivo de trabalhar a atenção da aluna.
“ (05/05/2014)

Este trecho mostra como uma mesma atividade pode ter efeitos diferentes nos alunos, visto que cada um se encontrava em um nível de desenvolvimento, com idades e repertórios em Libras distintos. A atividade pode ter alcançado um efeito positivo para o aluno J., mas para M. pode não ter chegado ao resultado esperado, portanto foi preciso utilizar de outras estratégias para chamar a atenção da aluna e permitir assim sua compreensão do que estava sendo trabalhado com a história dos três porquinhos.

Dessa forma, observa-se a importância de se utilizar diferentes práticas pedagógicas dentro de um conteúdo de sala bilíngue multisseriada, pois cada aluno apresenta um ritmo e um repertório diferenciado.

5. Considerações finais

O presente estudo buscou por meio da análise dos diários de campo e do relatório final de estágio, caracterizar e descrever a realidade de uma sala bilíngue multisseriada de educação infantil, que tem a Libras como língua de instrução e discutir as práticas pedagógicas observadas.

Permitindo assim, maior conhecimento sobre as práticas pedagógicas da sala bilíngue de educação infantil, como são desenvolvidas e refletir sobre estas.

Por meio deste, foi possível perceber que nesta sala as práticas encontradas são comuns àquelas esperadas para este nível de ensino, como por exemplo os trabalhos com narrativas, rotina, projetos, a busca pelo interesse da criança e o trabalho com conteúdos adequados a esta faixa etária.

O que diferencia as práticas desta sala bilíngue da sala de aula comum de educação infantil é o modo como são abordadas as atividades e principalmente a língua de instrução que é utilizada, neste caso a Libras.

Um aspecto relevante que torna este ensino diferenciado é a ênfase nos recursos visuais, pois o uso destes permite maior desenvolvimento dos alunos, tendo em vista as características específicas destes sujeitos.

Outra diferença é que nesta sala não foram observadas atividades com ênfase no canal auditivo, o que geralmente pode ser visto nas salas de educação infantil comuns, como por exemplo, uso de músicas e atividades com rimas, pois estes recursos não são adequados aos alunos surdos. Então pode se dizer que o objetivo geral da Educação Infantil Bilíngue é o mesmo que a Educação Infantil, porém a forma de abordar os conteúdos é diferenciada, privilegiando outras possibilidades de trabalho nesta faixa etária, condizentes com as características dessa clientela.

Além disso, do mesmo modo que o professor da sala comum usa a língua portuguesa para promover o desenvolvimento dos alunos, nesta sala o uso da Libras tem esta finalidade. As atividades são planejadas e desenvolvidas sempre buscando estimular os alunos a utilizar a língua acessível a eles que é a Libras, e assim eles vão aprendendo como usá-la no cotidiano da escola e aprendendo cada vez mais sobre a cultura e o mundo por meio dela.

Com este estudo foi possível perceber como a língua é essencial para o desenvolvimento como um todo, assim como no processo de ensino e aprendizagem do sujeito surdo. Além disso, destaca-se o quanto é importante que se atente para as questões relacionadas a educação dos surdos, pois para que esta tenha resultados positivos é preciso conhecer as especificidades deste público e buscar adequar as atividades às características dos alunos para melhorar cada vez mais o ensino dos mesmos.

Para finalizar, cabe considerar o quanto é importante que os profissionais que irão trabalhar com este público tenham fluência na língua de sinais e saibam como planejar e elaborar atividades que atendam as diferenças encontradas na realidade da sala de aula bilíngue de educação infantil, para que assim promovam uma melhor educação dos alunos surdos nesta fase que é essencial para o seu desenvolvimento.

6. Referências

- ALENCAR, G. A. R. de; MIRANDA, M. de J. C; CROCE, M. L. Mediando, interagindo e socializando: as possibilidades de um projeto de extensão. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 060, 2007, Londrina. Anais... Londrina: UEM, 2007. p. 1-6. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/060.pdf>>. Acesso em: out.2015.
- BEE, H. A criança em desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BIAGGIO, A. M. B. Psicologia do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BILÓRIA, J. F; METZNER, A. C. A importância da rotina na Educação Infantil. **Revista Fafibe On- line**. Bebedouro, v. VI, n. 6, p. 1-7, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/28/11122013185355.pdf>>. Acesso em: out. 2015.
- BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.
- BRASIL. **Lei 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União em 24/04/2002.
- _____. **Decreto Nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br> Acesso em: abr. 2015.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação – PNE/** Ministério da Educação. Brasília, Distrito Federal: INEP, 2014.
- BROUGÈRE, G. A. Criança e a cultura lúdica. Em T. M. Kishimoto (Org.), *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p.45-62.
- CARNEIRO, M. A. B. O jogo e suas diferentes concepções. *Revista Psicopedagogia*, 14 (33), 1995, p. 30-34.
- DORIN, L. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Editora do Brasil, 1978.
- FERREIRA, Maria C. C; FERREIRA, Júlio R. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. In: Góes, M. C. R. de; LAPLANE, A. L. F. de. (Orgs.). Políticas e práticas de educação inclusiva. São Paulo: Autores Associados, 2004.
- GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. R A E, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

JUNQUEIRA, M. F. P. S. O brincar e o desenvolvimento infantil. *Pediatrica Moderna*, 34 (12), 1999, p. 123-129.

KUBASKI, C; MORAES, V. P. O bilingüismo como proposta educacional para crianças surdas. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, N., 2009, Curitiba. Anais...PUCPR:Champagnat, 2009. p. 3413-3419. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdfCONGRESSO%20BRASILEIRO%20MULTIDISCIPLINAR%20DE%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20E ESPECIAL >. Acesso em: out.2015.

KISHIMOTO, T. M. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

LACERDA, C. B.F. de; **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos.** *Cad. CEDES* [online]. V.19, n.46,1998, p. 68-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007>. Acesso em: out.2014

LACERDA, C. B. F. de; LODI, A. C. B. O Desenvolvimento do Narrar em Crianças Surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais. **Temas sobre Desenvolvimento**. V.15, n.85-56, p. 45-53, 2006.

LEBEDEFF, T. B, GUEDES, S. A. M. Ler e escrever se aprende brincando:práticas de letramento na pré-escola de surdos. ANPED Sul. 2004, p.1-15. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/12_2_1_13_LER_E_ESCREVER_SE_APRENDE_BRINCANDO.pdf>. Acesso em: out.2015.

LEONTIEV, A. N., Luria, A. R., & Vygotsky, L. S. Linguagem desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1992.

LODI, A, C, B.; LUCIANO, R. de T. Desenvolvimento da linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais. In: LACERDA, C. B. F. de; LODI, A. C. B. **Uma escola, duas línguas**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 33-50.

MOURA, M. C. de. Surdez e Linguagem. In: LACERDA, C.B.F. de; SANTOS, L. F. dos. **Tenho um aluno surdo, e agora?** São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 13-26.

OLIVEIRA, A, C, S; ALMEIDA, E, O, C de; OLIVEIRA, S, M da, S, S; PINTO, A, B, D. Como brincam as crianças surdas: um estudo à luz da fonoaudiologia. **Revista de Psicologia**. V. 7, nº 2, p. 77-84, Jul./Dez. 2006

PAPALIA, D. E., & Olds, S. W. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, J., & Inhelder, B. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

PIRES, O, da S. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. 2011. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em:<http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia_Pires.pdf>. Acesso em: out.2015.

SALES, A.M; SANTOS, L. F. dos; ALBRES, N.de A; JORDÃO, U.V. Construindo conhecimentos sobre Surdez, Língua Brasileira de sinais (Libras) e Educação de surdos. São Paulo: UFSCar, 2010.

SENA, R.; GOLDFELD, M. Brincadeira de faz de conta com enfoque em crianças surdas: uma revisão de literatura. In: FROTA, S.; GOLDFELD, M. **Enfoques em Audiologia e Surdez**. São Paulo: AM 3,2006. p. 235-257.

TURETTA, B. A. dos R; GOÉS, M. C. R. de; Uma proposta inclusiva bilíngue para as crianças menores. In: LACERDA, C. B. F. de; LODI, A. C. B. **Uma escola, duas línguas**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 81-98.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes: 1984.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes: 1987.

VYGOTSKY, L. S; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ZWANG, N. G. C; NICOLOSO, S. O processo de inclusão da criança surda na educação infantil. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, Instituto Catarinense de Pós-Graduação, V.3, n.10, p. 21-26, jan./jun. 2007.